

Cultura!

Exclusivo

VOZ QUE CLAMA DE PORTUGAL

Para o jornalista e cientista político português João Pereira Coutinho, refletir e escrever sobre a atualidade é mais que um ofício, é uma obsessão. Confira a entrevista exclusiva concedida pelo colunista da *Folha de S. Paulo* a Gil Piva para o caderno *Cultura!*
Págs. C4 e C5

‘Coccinella’

A importância das pequenas coisas: é sempre por elas que nos perdemos
Pág. C2

‘O Grande Golpe’

O filme esquecido do diretor Stanley Kubrick
Pág. C3

‘A Forma da Água’

Obra do diretor Guillermo del Toro, vencedor do Oscar 2018: uma vitória da fantasia e da empatia
Pág. C6



Foto: Clara Azevedo

Um pouco de

Cada arte...

COCCINELLA

*O.A.

SECATTO

oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Já passara da meia-noite quando ele se levantou novamente. Não conseguia dormir. No escuro, foi tateando as paredes até a cozinha. Mais um copo d'água. Detestava perder o sono, especialmente porque isso estava se tornando mais frequente. Detestava isso também. Dormir cada vez mais tarde trazia consequências inevitáveis: perder parte da manhã de trabalho ou descansar menos — e trabalhar mal e com sono. E não lhe servia a noite; era sistemático, e lhe agradava o dia. “De nada serve a noite senão para dormir — ou para os inúteis boêmios. Preciso da boa luz do dia para escrever.” Voltou ao quarto para, finalmente, dormir.

Não era escritor, era calígrafo. Meticuloso e detalhista, era o melhor no que fazia. Seus trabalhos, por vezes, nem pareciam feitos à mão de tão perfeitos. Na paciência que sua arte lhe exigia, cuidava até da quantidade de tinta a cada vez que molhava a pena. Seus traços eram firmes, seguros e impecáveis. Em muitos dos trabalhos, fazia não só as letras, mas toda a arte e os desenhos também. Até mesmo os minúsculos e intrincados ornamentos do requadro de diplomas. Fazia valer cada centavo da enorme quantia que cobrava por cada peça: única como tal. Já não eram simples letras, mas obras de arte. Orgulhava-se disso. E de seus prazos: fora uma única vez por motivo de saúde, nunca descumpria um prazo prometido.

O sol já estava alto quando acordou. Levantou-se irritado por ter perdido a manhã. Já na sala, o cheiro de comida que vinha da vizinha lhe confirmou que dormira demais. “Cebola e alho fritos; já está na hora do almoço. Diacho.” Tivera pesadelos a noite inteira e, embora tivesse dormido muito, descansou pouco: sentia-se moído, com o corpo todo dolorido. Sentiu fome, mas voltou sua atenção à última encomenda.

Muito requisitado e com a reputação já consolidada, foi procurado pela principal universidade do país para um trabalho único como sua arte. Após uma longa procura, haviam encontrado o melhor pedaço de pergaminho de pele de carneiro. O contrato era seu para toda a arte. A peça devia ser tão primorosa quanto a ocasião. Finalmente haviam, depois de longos anos, conseguido a confirmação da vinda de um celebrado e mítico professor estrangeiro. Para tanto, iriam conferir-lhe o título de *Doutor Honoris Causa* com o mais irrepreensível trabalho artístico de que dispunham: um diploma artesanal do melhor calígrafo da época.

Ele sentou-se diante do diploma na escrivaninha e acariciou com os olhos cada ínfimo detalhe do próprio trabalho, como o pai orgulhoso de sua criação. Tal qual Michelangelo diante de *Moisés*, desejou gritar “*Parla!*”. Era irretocável. Havia feito na última semana a arte e os próprios dizeres protocolares em latim. Como sempre, deixara apenas o nome para escrever por último, a coroação de uma obra-prima.

Uma súbita lembrança o tirou de sua concentração e o levou para um passado distante. “Lembro-me de cada um dos que me zombavam na escola. Imbecis! Sei que hoje precisavam trabalhar uns bons meses do ano para conseguir o que ganharei com este único diploma...” E era verdade. Tais palavras, embora a princípio doces ao ego, deixaram-lhe um amargor na boca, que só se curou com uma imagem feminina já um tanto apagada, disforme. Lembrava-se de seu nome, porém seu rosto lhe fugia, numa teimosia que só o tempo é capaz de mostrar. Esboçou um sorriso, mas se deteve. Voltou ao semblante sisudo de sempre. As imagens se misturavam em sua memória, reproduzindo rostos indesejados da infância. Sempre fora quieto, recluso, calado. Tácito lhe cairia bem por nome. Mas não o era. Seu jeito tímido lhe causava problemas quase que diariamente na escola, pois era motivo de troca dos meninos mais velhos — e dos de sua idade também. Sua arte já dava pequenas mostras de vida, entretanto era singela demais aos seus padrões atuais. Vez ou outra a letra atraía as meninas para ouvir algum “Que lindo!” ou “Como você consegue?” e sentir-se menos ruim. Era um conforto efêmero, embora sublime enquanto durava.

Quando mais jovem, passou a chamar “insetos” àqueles que desprezava. Dizia a si mesmo, obviamente, vez que já estava cansado de levar tapas e croques dos mais fortes. E, por isso, desenvolveu uma voz baixa que persistiu até a idade adulta — outro reflexo da timidez. Desprezava seus agressores e zombadores para poder sentir-se superior. A palavra “inseto” há muito não usava, apesar de a imagem continuar em sua mente. De fato, após a adoção da palavra, passou por um incidente que lhe causou certo trauma. Foi atacado, segundo dizia, por um enorme besouro enquanto dormia numa noite de verão. A janela a mãe deixara aberta para arejar o quarto, mas também fez o convite ao imenso inseto. Ele pousou no lençol e nele grudou. O pequeno menino se assustou e, debatendo-se, não conseguiu se livrar do inseto, que involuntariamente lhe espetava as pernas com as patas. O episódio só terminou quando o pai veio e, nervoso por ter sido acordado por tão pouco, agarrou o besouro e o arremessou pela janela. O bicho foi embora e os pesadelos ficaram. E o atormentavam até pouco tempo atrás. Insetos!

Só trabalhava em seu escritório, mas o dia estava bonito, e ele sentiu vontade de escrever na varanda, como há muito não fazia. Improvisou-se na mesa com um suporte para o diploma e dispôs ao seu lado as penas e tintas. Abriu o recipiente da tinta vermelha, o tom mais vivo que tinha. Fez com extremo zelo a primeira letra do nome do professor, em capitular, no mais belo estilo gótico. Deixou a pena de lado e abriu o frasco da

tinta dourada para os adornos da capitular; mergulhou a pena mais para aplicar o

Quando pu-

sobre o papel, ouviu um zunido e um impacto discreto, mas não foi capaz de identificar onde. Correu os olhos pela mesa à procura de algo, nada encontrou. “O zumbido era de inseto com certeza...”, refletiu, pensando no besouro. Porém não quis crer que fosse possível. “Deve ter ido embora”, aliviou-se.

Pudesse estar certo. Pois foi acometido pela mais inesperada inércia diante do que viu. De início quis enfurecer-se, mas algo o serenou como que por mágica. Havia algo no vidro de nanquim que se agitava como se lhe valesse a vida, nada menos. Então, para sua surpresa, um bichinho saiu meio atordado e cambaleou pela borda, todo dourado. Num gesto inesperado, ele pegou o inseto com delicadeza e o pôs sobre o pano usado de mata-borrão, de pernas para o ar. Deu-lhe algumas esfregadas, e cores foram reveladas: uma joaninha!

Ela se recompôs e pareceu fitá-lo. Com as patinhas alisou as antenas e, ainda suja de tinta, alçou voo para pousar ali perto. Desceu sobre o diploma para desespero dele, que novamente pareceu petrificar-se. Ela andou sobre a capitular vermelha e foi deixando seu rastro nela e ao redor. Patinhas tão pequeninas marcando o pergaminho com algo próximo a inéditos caracteres cuneiformes. Então, voou e, de novo, foi deixando aquele belo e minúsculo rastro dourado de suas patinhas. O coração dele já estava na boca, mas não se mexeu. Pela terceira vez ela alçou voo, para pousar a alguns centímetros dali. Caminhou como num curto semicírculo e parou. Pareceu olhar para ele, que não mais aguentou a singela beleza da cena e se entregou à pequena joaninha. Ela deu uma última olhada para ele — podia jurar que sim — e, por fim, voou para longe.

Seu coração estava agora tranquilo. Tudo ficara extremamente simples, sem neuras e traumas. Estava leve e sentiu-se de alguma forma reconfortado. Retornando a si, pôs a atenção no diploma. Já voltan-

finha e se aprontou ornamento.

nhia a pena molhada

do à sua costureira ranzinze quando percebeu uma coisa. O pequeno rastro da joaninha pareceu manter a reta reservada ao nome. Adornou a capitular vermelha com motivos dourados, da mesma forma que já adiantara a parte das duas outras que faltavam. Sim, ele calculou o espaço e viu que daria nas exatas medidas. Ninguém via ou tocava seu trabalho até que estivesse realmente pronto. Só a joaninha conseguiu. Como também conseguiu reacender uma fagulha da bondade que estava presa e apagada num coração amargurado por uma vida inteira de perseguições, traumas e frustrações.

Alteou o rosto e mirou seu quintal com um pequeno jardim. Recordou-se do tempo em que tinha uns poucos amigos na escola — os que também eram caçados por qualquer motivo. E de sua amada, tão pequena e delicada, com a pele morena e os cabelos castanhos e ondulados. Depois de tantos anos, seu rosto retornou. Ainda cedo, ela fora para longe, mas ele mantivera seu coração só para ela; e dedicou todo o seu tempo e todas as suas forças ao trabalho, à caligrafia, na triste tentativa de compensar sua falta. Fosse ele Dante, seria ela sua Beatriz.

A joaninha lhe trouxe novamente a ternura do rosto ainda infantil de sua amada. Sentiu-se enternecido uma vez mais. Um sorriso brotou, como o amor que ainda ardia. Único. Levantou-se e foi para o jardim numa leveza etérea.

A tarde era de Beatriz, só dela.

Iria perder, agora, seu segundo prazo. Com muito gosto.

Pegou o inseto com delicadeza e o pôs sobre o pano usado de mata-borrão. Deu-lhe umas esfregadas, e cores foram reveladas: uma joaninha!

Palavra



“Vejo o cérebro como um computador que vai parar de funcionar quando seus componentes falharem. Não há paraíso ou vida após a morte para computadores quebrados; isso é um conto de fadas para pessoas com medo do escuro.”

STEPHEN HAWKING

NASCIDO EM OXFORD, REINO UNIDO, EM 1942, O AUTOR DE “UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO” E “O UNIVERSO NUMA CASCA DE NOZ”, DENTRE OUTROS, MORREU EM CAMBRIDGE, REINO UNIDO, ESTE MÊS.

S. Hawking



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Cinema

“Quando se fala em Stanley Kubrick imediatamente remete-se a 2001: Uma Odisseia no Espaço, Laranja Mecânica, O Iluminado, por exemplo. Filmado em preto e branco, O Grande Golpe reproduz o clima da estética *noir*”



ZÉ RENATO

As coisas desprovidas de perenidade assim o são em face de pouca ou nenhuma importância. Ao passo que aquilo que significa, que é arte, permanece. Esse é o caso do filme *O Grande Golpe* (*The Killing*), produzido em 1955, lançado no ano seguinte. Quando se fala em Stanley Kubrick imediatamente remete-se a 2001: *Uma Odisseia no Espaço*, *Laranja Mecânica*, *O Iluminado*, por exemplo. Poucos são aqueles que se recordam ou conhecem a película citada. Filmado em preto e branco, referência direta aos filmes *noir*, a obra reproduz a maestria o clima dessa estética, com referências diretas a John Huston, Max Ophüls e Orson Welles. O primeiro diretor é visível, especialmente na cena final; remetendo-nos a *O Tesouro de Sierra Madre*, com Humphrey Bogart como vilão e seu pai — Walter Houston — como protagonista. Em tempo: por “filme *noir*”, entendamos uma estética gestada no final dos anos 1930, a qual, durante os anos 1940 e 1950, foi muito marcante nos Estados Unidos. Filmes de detetives, com muito suspense e,

sobretudo, com pouca iluminação, muitas vezes quase penumbra, planos americanos; enfim enquadramentos próprios dessa estética, cujos grandes diretores são: John Huston, Howard Hawks, Max Ophüls, Otto Preminger, por exemplo. Curioso: os norte-americanos não viam nesse tipo de filme a caracterização de arte. Coube aos europeus, em especial aos franceses do *Cahiers du Cinéma* — André Bazin, François Truffaut, Jean-Luc Godard, Éric Rohmer, Jacques Rivette e Claude Chabrol —, a primazia do reconhecimento dos valores estéticos e artísticos dos *film noir*. Em particular, sabedor desse valor, Kubrick resolve reverenciá-lo. Produz uma película invulgar, a qual permanece rica e nova, após mais de sessenta anos. Inovação parece-me o termo mais adequado. A narrativa não linear, o tempo e o espaço vão e voltam. Ainda, essas idas e vindas referem-se à história específica de cada um dos personagens, a fim de que nos coloquemos em seus lugares, seus dramas pessoais e subjetivos.

A obra é composta pelos elementos clássicos dos filmes *noir*: vilões fracassados, mulher fatal, uso do preto e branco para filmar e a figura do narrador em “voz de Deus”. O golpe em questão é o roubo ao Jockey Clube no dia de um grande páreo. A ideia de Johnny Clay — personagem do grande Sterling Hayden — é provocar o caos durante a disputa, para, enfim, realizar o roubo. Para isso é necessária toda uma “engenharia”. Bilheteiro, barman, policial, atirador, um provocador de uma briga no salão de vendas das apostas e do bar. Assim, Kubrick refaz a cena a cada história dos personagens, de acordo com sua óptica, seus dramas pessoais, com planos e enquadramentos geniais: *travellings* laterais nos cômodos dos apartamentos. Em 1994, por exemplo, a narrativa não linear de Kubrick trouxe à cena Quentin Tarantino no antológico *Pulp Fiction*. Aliás, essa prática transformou-se em marca desse diretor.

Contudo, há outra importante e rica faceta da película em questão: personagens fracassados, com seus dramas cotidianos e pessoais: a esposa do barman sofre de câncer; a mulher do bilheteiro — a *femme fatale* — é interesseira, egoísta e o trai; pisa em seu doentio e rodrigueano amor; Johnny Clay — o líder do bando — esteve preso por cinco anos, em razão de pequenos golpes. Quer “meter a boa”; ficar rico e “aposentar-se para uma vida digna”; sua namorada é uma idiota, sem opinião, apenas executa as ordens de Clay; há o financiador do “esquema” — Jay —, o qual tem uma relação paternal com Johnny; o policial corrupto que deve para o agiota; bêbado, participará da trama; o atirador, um homem frio, calculista, e o homem contratado para arrumar a treta no bar, no momento em que o golpe se inicia. Esse último a mim é o mais chamativo: é uma besta-fera, composto, aparentemente de músculos somente. Todavia, é dono das frases mais humanas e tocantes. A ironia da cena final, o semblante de Johnny Clay, seu imobilismo, nos levam não ao final da película, porém a uma reflexão acerca da existência, da frágil e curta condição humana. Diferente da obra, rica e duradoura. Bom filme.

‘O Grande Golpe’. Cena do filme de 1955



Lendário. O diretor Stanley Kubrick

Capa

Para o jornalista e cientista político português João Pereira Coutinho, refletir e escrever sobre a atualidade é mais que um ofício, é uma obsessão

EXÍMIO OBSERVADOR, AGUERRIDO PENSADOR



João Pereira Coutinho

GIL PIVA

Escritor, cientista político, professor da Universidade Católica Portuguesa, João Pereira Coutinho também é colunista da *Folha de S. Paulo*, autor dos livros *As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários* (2014), *Vamos ao que interessa* (2015) e coautor de *Por que virei à direita* (2012), todos publicados pela Três Estrelas. Em entrevista exclusiva para o caderno *Cultura!*, Coutinho discorre sobre questões políticas, acontecimentos que marcam a modernidade e de sua paixão pela literatura.

• **No cenário político atual, onde temos, numa livre comparação, a “mão firme” de Donald Trump e o discurso também rígido do pré-candidato Jair Bolsonaro (que agora tenta se mostrar liberal, de certa forma), não seria exagero dizer que esses comportamentos estão se tornando prerrogativas para uma boa atuação nas eleições? Por que isso?**

Porque faz parte da natureza das massas desejar um líder “forte”, “carismático”, “messiânico”, capaz de redimir a triste condição dos alienados. Sempre assim foi, sempre assim será.

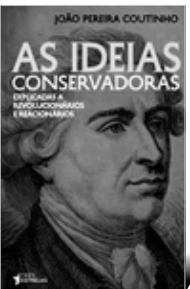
• **Em vista disso, você não acha, pelo menos no Brasil, que as oposições políticas acabam se transformando em doutrinação?**

Toda a política é doutrinação. Ninguém espera grande sofisticação intelectual na luta política. Basta lembrar o destino dos filósofos clássicos que tentaram educar tiranos. O problema é que hoje vivemos em “democracias mediáticas”, onde a rapidez e o impacto da mensagem é mais importante do que a seriedade ou a substância. Trump é um caso. Oprah Winfrey poderia ser outro — e não excluo nada para 2020. No curto prazo, seremos governados por concorrentes do Big Brother.


• **Parafraseando Sartre, isso equivaleria a dizer que tanto uma real mediação de interesses políticos quanto a transição de propostas estruturadas estacionaram, e o que resta agora é encontrar um novo método de ilusão?**

Os meios para comunicar são novos, a mensagem é velha. Estamos a testemunhar um regresso do pensamento tribal à política, que tem como consequência a degradação do indivíduo como agente histórico e moral. Isso é comum à esquerda e à direita, independentemente de estarmos a falar de “políticas de identidade” ou de “nacionalismos” vários. Eu julgava que, depois do século 20, esse tipo de política estava no caixote do lixo da história. Claramente, enganei-me.

Há um regresso do pensamento tribal à política, cuja consequência é a degradação do indivíduo como agente histórico e moral



AS IDEIAS CONSERVADORAS
Autor: João Pereira Coutinho
Editora: Três Estrelas
(200 págs.; R\$ 34,90)



VAMOS AO QUE INTERESSA
Autor: João Pereira Coutinho
Editora: Três Estrelas
(288 págs.; R\$ 54,90)

• **Como, por exemplo, acreditar que a ditadura (supondo que o Bolsonaro a traga de volta) seja algo salvacionista, ou ainda vislumbrar uma presumida inocência (“ad aeternum”) para o ex-presidente Lula?** É preciso entender que os apoiantes fanáticos de um e outro não são propriamente agentes racionais. São crentes pseudorreligiosos, para quem qualquer imperfeição é secundária — ou, pior, culpa do adversário. É difícil dialogar com gente assim. O melhor que podemos fazer, ou esperar, é que nenhum dos lados chegue ao poder.

• **...O que me remete a Dalrymple, quando escreveu que para se ter medidas adequadas para solucionar problemas, “o tamanho e a importância do governo teriam de se reduzir, e não aumentar. Pelos megalomaníacos, isso jamais seria feito”...** O meu amigo Bruno Garschagen explicou muito bem esse paradoxo no seu *Pa-re de Acreditar no Governo*. As pessoas desconfiam dos políticos; mas querem sempre mais intervenção do governo. Na cabeça das massas, “políticos” e “governo” são duas realidades separadas. Nem é preciso comentar.

• **Em seu livro “As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários”, você ressalta que “o reconhecimento da imperfeição intelectual humana convida assim o agente conservador para uma conduta humilde e prudente que recusa a política utópica”. Poderia explicar melhor?** Melhor, talvez não. Mas de outra forma: se partimos do pressuposto de que todos somos intelectualmente imperfeitos, não há nenhum motivo para acreditar que um membro da nossa espécie, um macaco como nós, tem um acesso especial à perfeição. Se assim é, governar é ser menos ambicioso, mais prudente, mais humilde. Podemos ensinar um macaco a andar de bicicleta. Mas é imprudente emprestar-lhe o carro.

• **Há alguns anos, no Brasil, grandes articuladores conservadores estão sendo**

mais bem recebidos: Roger Scruton, Theodore Dalrymple, John Gray, inclusive seu colega Luiz Felipe Pondé. A que atribui essa retomada do pensamento conservador no Brasil? Primeiro, é uma questão geracional: há brasileiros para quem “ser de direita” já não é motivo de complexo ideológico especial. Com essa normalização, acontece o que normalmente acontece em qualquer sociedade civilizada: o pluralismo de valores e de fins de vida. Por outro lado, é uma questão estilística: há nesses autores uma elegância e um sentido de humor que é mais difícil de encontrar à esquerda, onde o tom jacobino é inconfundível.

• **Muitos escritores e intelectuais iniciaram suas carreiras como marxistas (Camus, Italo Calvino, Christopher Hitchens), mas mudaram de opinião ao longo da vida; depois foi a vez de outros tantos romperem com o regime de Fidel Castro (Cabrera Infante, Saramago, Mario Vargas Llosa). E você, manteve, em sua precocidade intelectual, algum flerte desse tipo?** Nunca. Há uns anos, a Três Estrelas publicou um livro intitulado *Por que virei à direita*, onde fui um dos autores. E alguns amigos em Portugal perguntavam-me: “Mas tu foste de esquerda para viraes à direita?” Eu ria-me. Em Portugal esse título pode induzir o erro. Na minha “precocidade”, não pensava especialmente em política. Aliás, formei-me em história da arte. Só cheguei à política por entender que a única forma de ter uma vida tolerável é quando o problema político está resolvido, ou pelo menos controlado. E, para mim, o que eu espero da política é muito semelhante ao que eu espero dos lixeiros que passam na minha rua à noite. Que recolham o lixo. Que mantenham a rua transitável. Mas que não interfiram grandemente na minha vida, muito menos na forma como eu a desejo viver.

O que espero da política é o que espero dos lixeiros: que recolham o lixo, mantendo a rua transitável, sem interferir na minha vida

• **Presenciamos o fracasso de grandes utopias (movimento hippie, revoluções socialistas) e as distopias clássicas (“1984” e “Admirável mundo novo”), em parte, se cumpriram. Vamos viver num mundo distópico, ou a sociedade, de algum modo, sempre retoma os caminhos da utopia?...** Se a história ensina alguma coisa é que a sociedade sempre retoma os caminhos da utopia. A cabeça analfabeta olha em volta. Vê um mundo que não é perfeito. E então procura uma solução mágica, mesmo que essa solução implique a morte de milhares ou milhões de seres humanos. Um utopista é muito parecido com uma criança nas birras e nas fantasias.

• **...O escritor Leonardo Padura, ano passado, no Brasil, disse que “precisamos re-fundar a utopia”.** Não sei em que contexto ele disse isso. Só concebo utopias individuais, procuras individuais de um sonho qualquer, desde que isso não implique a submissão dos outros aos meus sonhos. Até porque os meus sonhos, para os outros, podem ser pesadelos.

• **O professor Leandro Karnal vive dizendo que todas as épocas mais ou menos se equivalem. Você acha que isso é verdade, ou a Humanidade já foi mesmo melhor?** Melhor em quê? Tecnicamente? Sem dúvida. Eu chego a Nova York em seis horas, não em seis meses. Moralmente? Talvez não. Os nossos dramas, os nossos vícios, as nossas fraquezas seriam perfeitamente compreensíveis para um ateniense do século V a.C.

• **Embora seja cientista político por formação, seus textos são escritos com clareza e desenvoltura incríveis, que, em sua grande maioria, beiram mais a uma autonomia literária do que a um texto sim-**

plesmente argumentativo. Como foi concebido esse estilo, digo, passou por um processo intencional de se chegar a ele? Há muitos anos, o único génio que conheci pessoalmente — o escritor Miguel Esteves Cardoso — disse-me uma coisa que nunca mais esqueci na redação do jornal *O Independente*: quem escreve, escreve. Isto foi na decorrência de uma observação qualquer que eu fiz sobre a diferença entre “jornalistas” e “cronistas” ou coisa do género. Ele tinha razão. Não existe essa distinção quando levamos a escrita a sério. Não interessa se escrevemos crónicas, ensaios, romances, peças de teatro, roteiros — a poesia é um caso à parte, apesar de tudo, e os poetas são um artigo raro. Quem escreve, escreve. Sou um escritor profissional e é com esse espírito “literário”, digamos assim, que escrevo qualquer texto.

• **Quem o acompanha em suas colunas, seja na “Folha” ou em seu site, nota logo que é um leitor voraz, e não mede esforços para compartilhar suas referências literárias. O que relê com mais frequência?** São sempre os mesmos. Aristóteles, Montaigne, David Hume, aprendi a pensar com eles. Também Jonathan Swift, Jane Austen, Evelyn Waugh.

• **E dos autores contemporâneos, de quem gosta?** Fiz duas grandes descobertas recentes: as novelas do Pierre Michon e os ensaios do Simon Leys.

• **Tom Wolfe uma vez disse que o romance está morrendo. O crítico literário George Steiner também alegou que “estamos cansados de nossos romances”. Tem a mesma opinião a respeito?** As notícias da morte do romance são sempre francamente exageradas.

• **Mario Vargas Llosa expressou o quanto era apaixonado por Sartre em sua juventude, mas que agora ele não o releria. Já aconteceu algo parecido com você?** Várias vezes. Na adolescência, por exemplo, pensava que Henry Miller era um génio.



Cinema

Oscar premia filme estrelado por uma muda, um artista gay, uma faxineira negra, um espião russo e um deus-anfíbio

‘A FORMA DA ÁGUA’: A VITÓRIA DA FANTASIA E DA EMPATIA



BRUNO ANSELM MATANGRANO

Não é segredo algum que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas americana tem dificuldade em lidar com obras de temática fantástica, favorecendo, sem quaisquer pudores, obras de cunho realista, histórico ou biográfico, salvo por raríssimas exceções, como a trilogia *O Senhor dos Anéis*, de Peter Jackson. Foram treze indicações para *A Sociedade do Anel* (2001), seis para *As Duas Torres* (2002) e onze para *O Retorno do Rei* (2003), que com mérito venceram quatro, dois e onze prêmios, respectivamente, em um feito até então inédito e nunca mais repetido. Em outros momentos, mesmo quando são lembrados, como é o caso de *Avatar* (2009), de James Cameron, tais filmes acabam ignorados na hora da premiação (das nove indicações recebidas, *Avatar* só venceu em três categorias técnicas), pois a grande verdade é que filmes associados à fantasia, ao horror ou à ficção científica parecem ser um problema para a Academia, que, por hábito ou por gosto, sempre os deixa de lado.

Este ano, no entanto, houve outra grande feliz exceção quando *A Forma da Água*, do cineasta mexicano Guillermo del Toro, venceu quatro (incluindo Melhor Diretor e Melhor Filme) das treze indicações recebidas. Indicações bastante simbólicas, tanto pelo filme em si (sobre o qual logo falarei), quanto, sobretudo, pela trajetória do próprio Del Toro.

Guillermo é um desses diretores — assim como o americano Tim Burton — que dedi-

caram toda sua carreira às questões do fantástico em todas as suas variantes e nuances (no caso de Del Toro, toda sua obra se volta a esta temática, sem nenhuma exceção). Carreira, diga-se de passagem, de imenso sucesso de público e muito diversificada, já que além de diretor, Del Toro também se destaca como roteirista e romancista.

Na verdade, todas as obras de Del Toro convergem em um projeto bastante autoral. O mexicano especializou-se numa estética própria, na qual prevalecem monstros cruéis e monstros sensíveis, monstros humanos e humanos monstruosos, construídos com realismo tanto pela interpretação e direção quanto pela qualidade estética, uma vez que quase sempre são feitos por técnicas tradicionais, com muita maquiagem e cuidadoso figurino em detrimento dos massivos efeitos gráficos gerados em computador, tão em voga na cinegrafia contemporânea, o que lhes confere particular realismo.

Apesar de tudo isso, foi esnobado pela Academia por anos, à exceção, é claro, de seu brilhante *O Labirinto do Fauno* (2006), embora este só tenha recebido três prêmios técnicos (de direção de arte, fotografia e maquiagem) das seis indicações recebidas, destacando-se enquanto obra estrangeira e por isso não concorrendo às categorias principais.

A Forma da Água veio mudar esse paradigma. De enredo relativamente simples, o filme se passa durante a guerra fria e conta a história de Elisa (interpretada por Sally

Hawkins), uma faxineira de um órgão científico governamental americano que ficou muda após sofrer lesões no pescoço, ainda criança. Espirituosa, Elisa é uma mulher bem resolvida, capaz de ver a beleza das pequenas coisas e de sentir prazer em cada momento de sua rotina, ao lado de seus melhores amigos, seu vizinho Giles (Richard Jenkins), um artista plástico gay, e Zelda (Octavia Spencer), uma mulher negra também responsável pela limpeza do mesmo laboratório onde Elisa trabalha.

A rotina pacata dos três muda, no entanto, com a chegada da Criatura (Doug Jones), um ser anfíbio amazônico de aparência humanoide, que passa a ser torturado pelos cientistas americanos do laboratório. Movida não apenas por piedade, mas também por uma forte identificação

com o homem-peixe, Elisa decide salvá-lo, antes que os militares o matem. Para tanto, conta com a ajuda de Giles e Zelda, bem como do Dr. Robert Hoffstetter, um dos cientistas responsáveis pelos experimentos com a criatura, que acaba por se revelar um espião russo, cujos ideais de ciência e humanidade superam qualquer lealdade patriótica.

A beleza do filme, porém, está principalmente nos cuidadosos detalhes: desde a fotografia pautada em uma paleta de cores frias, mas fortes, ao figurino que tanto retoma o vestuário da época, como cria a pele brilhante azulada da personagem de Doug Jones, passando pelos diálogos, muitas vezes

silenciosos, mas não por isso menos significativos, culminando na incrível trilha sonora de Alexandre Desplat (digna do Oscar recebido), com direito até a participação brasileira de Carmen Miranda. Mas para além dessa dimensão artística — bem percebida pelos responsáveis pela Academia — o filme também se destaca por sua dimensão humana e social em uma conjuntura de constantes e necessárias pressões por mais diversidade em Hollywood. Com as indicações e importantes vitórias de *A Forma da Água*, a Academia parece, finalmente, ter aberto os olhos para o diferente, tanto no que diz respeito à fantasia como forma de expressão, quanto à diversidade humana como valor a ser prezado.

Em um momento no qual os Estados Unidos são governados (assombrados?) pelo intolerante e intolerável presidente Donald Trump, termos um mexicano ganhando os prêmios de Melhor Filme e Melhor Diretor, com uma obra protagonizada por uma muda, que juntamente com uma faxineira negra, um artista gay e um espião russo salvam um deus anfíbio amazônico das garras dos militares norte-americanos, ao som de músicas de diferentes nacionalidades, é bastante significativo. *A Forma da Água*, portanto, é, não apenas uma vitória da fantasia sobre a mesmice, do sonho sobre o pesadelo, do singelo sobre o pretensioso, do amor sobre o ódio, mas igualmente uma vitória da empatia sobre a intolerância.

*

BRUNO ANSELM MATANGRANO, TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTOS E ARTIGOS, É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA USP

Guillermo é um desses diretores — assim como o americano Tim Burton — que dedicaram toda sua carreira às questões do fantástico



Invisíveis.

As amigas Elisa (Sally Hawkins) e Zelda (Octavia Spencer)

Diretor. Guillermo del Toro no set de filmagens

